

# O estudo dos pronomes no ensino da Língua Portuguesa para Estrangeiros

Milena Magalhães Gomes<sup>i</sup>  
Rosana Costa de Oliveira<sup>ii</sup>

**Resumo:** Considerando a relevância de viabilizar o ensino e aprendizagem do Português Brasileiro (PB) para estrangeiros, é importante reconhecer os principais traços linguísticos que influenciam nesse processo. Nessa perspectiva, o artigo aborda a sociolinguística, a partir da “teoria variacionista”, de William Labov, no que tange ao uso dos pronomes nas modalidades oral ou escrita. A partir de uma breve análise das gramáticas normativas e descritivas, é possível identificar diferentes formas no uso dos pronomes – especificamente: “tu” e “você”; “nós” e “a gente”; “seu(s)”/“sua(s)” e “dele(s)”/“dela(s)”. Em paralelo, este trabalho analisa o mesmo conteúdo nos livros didáticos voltados ao ensino da língua para estrangeiros, a fim de identificar sua abordagem no que diz respeito às peculiaridades morfosintáticas desses pronomes. O trabalho contempla a pesquisa bibliográfica e a análise descritiva dos livros didáticos mais utilizados por estrangeiros, e discute a aplicabilidade desses livros para uso dos profissionais da educação.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Pronomes. Português para Estrangeiros.

## *The study of pronouns on the teaching of Portuguese Language to Foreigners*

**Abstract:** Considering the relevance of enabling the teaching and learning of Brazilian Portuguese (BP) for foreigners, it is important to recognize the main linguistic traits that influence this process. From this perspective, the article addresses sociolinguistics, based on William Labov's “variationist theory”, regarding the use of pronouns in oral or written modalities. From a brief analysis of normative and descriptive grammars, it is possible to identify different forms in the use of pronouns – specifically: “tu” and “você”; “nós” and “a gente”; “seu(s)”/“sua(s)” and “dele(s)”/“dela(s)”. In parallel, this work analyzes the same content in textbooks aimed at language teaching for foreigners, to identify their approach about the morphosyntactic peculiarities of these pronouns. The work includes bibliographical research and descriptive analysis of textbooks most used by foreigners and discusses the applicability of these books for use by education professionals.

**Keywords:** Sociolinguistics. Pronouns. Portuguese to Foreigners.

Submetido em: 27 jun. 2024  
Aprovado em: 22 mar. 2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Compartilha Igual 4.0 Internacional

**DLCV – Língua, Linguística & Literatura**

**ISSN 1679-6101**  
**EISSN 2237-0900**

<sup>i</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: milenamagalhaes.adv@gmail.com.

<sup>ii</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: rosana.ufpb@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Tendo como base o contexto atual das crescentes migrações, que tem como causas tanto a situação de risco enfrentada em diversos países, como também o aumento, cada vez mais frequente, de intercâmbios culturais nas escolas e universidades, faz-se relevante o debate acerca do processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa para estrangeiros. Os choques culturais e as diferenças linguísticas são alguns dos principais desafios enfrentados por estrangeiros em contexto de imersão, o que torna ainda mais desafiadora a apropriação da língua, principalmente se considerada em sua modalidade oral, a qual apresenta particularidades em diversos aspectos linguísticos.

A partir de uma perspectiva sociolinguística, conforme explicam Cezario e Votre (2020, p. 141), considera-se que os diferentes contextos situacionais, da cultura ou da história das pessoas influenciam de maneira significativa na estrutura linguística apresentada. Dessa forma, partindo do conceito de “sociolinguística variacionista”, de William Labov, abordamos neste estudo, diferentes formas usadas na língua com a mesma significação, que se denomina “variante”. Assim, o objeto de estudo deste trabalho é o uso dos pronomes pessoais e possessivos, em que encontramos as variantes: “tu” × “você”; “nós” × “a gente”; “seu(s)” ou “sua(s)” × “dele(s)” ou “dela(s)”, todas aceitas no Português Brasileiro, porém uma considerada formal e outra considerada mais coloquial.

Uma vez contemplado que o contexto situacional deriva em diferentes possibilidades de variações linguísticas, ou seja, de heterogeneidade no uso da língua, a partir de variantes relacionadas a diferentes níveis da gramática (Beline, 2020, p. 125), constata-se que a interação social compreende uma comunicação influenciada por diferentes aspectos sociais, culturais, históricos. Colocamos então, em evidência, o fato de que a norma-padrão, assim como ensinada na gramática normativa, não compreende por completo a função da língua como prática social, ou seja, não abrange a realidade vivenciada em contextos práticos da comunicação, e, portanto, mostra-se insuficiente para o ensino e aprendizagem da língua. É possível verificar esse indicativo a partir da análise das abordagens trazidas em duas importantes gramáticas normativas estudadas na atualidade: “*Gramática Normativa da Língua Portuguesa*”, de Rocha Lima (2011) e “*Nova Gramática do Português Contemporâneo*”, de Cunha e Cintra (2016).

A fim de ampliar nosso estudo, é oportuno contemplar o tema em questão conforme empregado na gramática descritiva, a partir da análise do mesmo conteúdo na “*Gramática Descritiva do Português Brasileiro*”, de Perini (2017), no qual é possível identificar um estudo da língua portuguesa mais empregado à sua modalidade oral. A respeito da Gramática

Descritiva, trata-se do que chamamos de Português Brasileiro, ou seja, a variedade em paralelo ao Português Padrão. Segundo Perini (2017, p. 35), essa dualidade pode parecer um inconveniente para o estudo da língua, porém é uma realidade da qual não se pode escapar. No seu sentir, o Português Brasileiro é usado por quase a totalidade da população brasileira, de uma maneira geral, em detrimento do Padrão, que se restringe aos mais escolarizados, principalmente em textos formais. Dessa forma, não se pode ignorar a importância do Português Brasileiro na sociedade, e do seu uso na vida cotidiana até mesmo de pessoas mais cultas.

No que tange ao gênero textual conversação, essencialmente utilizado no processo de aprendizado da Língua Portuguesa para estrangeiros, compreendemos que esse gênero, eivado de espontaneidade, utiliza, frequentemente, uma linguagem informal. Entretanto, sabemos que a gramática tradicional apresenta a norma-padrão, a qual contém uma visão homogênea da língua, desconsiderando em grande parte, as variedades linguísticas e as particularidades da fala. Nesse ponto, é oportuno destacar a visão de Ormundo (2020, p. 170) sobre o tema, que relembra que a norma-padrão é uma referência linguística, construída com base em textos de escritores cultos (muitos deles de séculos e décadas passadas). Segundo ele, até mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, abandonam ou modificam as regras, a fim de torná-las mais adequadas às suas necessidades reais de comunicação. Não se pretende aqui desacreditar a relevância do Português Padrão, e do estudo de suas normas para um bom uso da língua, porém, quando se fala em apropriação da Língua Portuguesa por estrangeiros, é evidente que a conversação fluirá melhor a partir de uma abordagem que leve em conta todas as questões de sociolinguística levantadas até aqui.

No presente trabalho, atemo-nos a uma pesquisa descritiva a fim de identificar peculiaridades atinentes ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no que tange ao conteúdo dos pronomes pessoais retos e dos pronomes possessivos, através da pesquisa bibliográfica nos livros didáticos de língua portuguesa para estrangeiros mais utilizados na atualidade: “*Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*”, de Burim, Florissi e Ponce (2013); “*Fala Brasil: Português para estrangeiros*”, de Coudry e Fontão do Patrocínio (1998); e “*Tirando de letra: Português brasileiro para estrangeiros*”, de Silva, Tomaiolo, Rocha, Matos e Ferreira (2021). Dessa forma, desenvolvemos o tema das abordagens gramaticais referentes ao sistema dos pronomes acima destacados, conforme encontrado nos manuais analisados, a fim de identificar sua aplicabilidade nos diferentes contextos da comunicação.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS

Podemos definir língua estrangeira (ou outra língua) como a língua do outro, aquela que difere da língua materna e que se dá em outra cultura, de outro país. As pessoas que pretendem aprender uma língua secundária, o fazem por diferentes razões. Almeida Filho (2009, p. 10) relaciona algumas motivações para a aquisição de uma língua – a título de exemplificação: a residência temporária ou permanente no exterior; a presença de comunidades de língua estrangeira mantendo seus atributos linguístico-culturais em outro país; a presença de línguas distintas no mesmo país, como no caso de grupos linguísticos que herdaram uma língua externa hegemônica, geralmente superposta às línguas locais como resultado de colonização; indivíduos de um país que precisam aprender a língua de determinado grupo étnico minoritário de um mesmo país, entre outros casos.

Com relação à preparação de professores para o ensino da Língua Portuguesa para Estrangeiros, constatamos que se trata de um estudo relativamente recente. Houve um avanço nos processos de intercâmbios culturais entre os jovens estudantes, nas últimas décadas, o que abriu um caminho para o ensino de Português como Língua Estrangeira nas universidades públicas brasileiras. É possível perceber um investimento, nesse período, na criação de materiais didáticos específicos, alguns dos quais analisamos neste trabalho, entretanto, persiste ainda uma escassez de materiais voltados para a preparação de professores, em contraponto à grande demanda de cursos didáticos a fim de capacitar profissionais da educação para um ensino mais adequado ao estrangeiro em contexto de mudança.

Considerando a relevância de viabilizar o ensino e aprendizagem da língua estrangeira – no presente trabalho, o Português Brasileiro –, é importante reconhecer os principais aspectos linguísticos que influenciam nesse processo de apropriação da língua. Conforme pontua Almeida Filho (2009, p. 11), na intenção de produzir o ensino de uma língua estrangeira, é possível verificar que, ao longo da história, se promoveu, de maneira mais enfática, um estudo formal de aspectos sistêmicos da língua vestido com uma roupagem situacional através de diálogos ou em pequenos textos.

Entretanto, a percepção da linguagem não deve limitar-se a regras e vocabulários, mas sim abranger sua compreensão como uma prática social, considerando o uso da linguagem como objeto para uma comunicação intencional. Nessa perspectiva, Muller (2022, p. 253) ressalta que, uma vez entendida a linguagem como uma prática social de construção de significado e interpretação, então é necessário que os alunos de línguas estrangeiras saibam

“como a linguagem é usada para criar e representar significados, como se comunicar com os outros e como interagir na comunicação com os outros.” Aprender uma nova língua envolve aprender a usar o conhecimento adquirido sobre a linguagem e seu uso, com o objetivo de se comunicar com os falantes da língua. Sobre o tema, a autora afirma:

Dentro de uma postura profissional que entenda a linguagem como prática social, os professores precisam garantir que os estudantes tenham oportunidades para ir além do que eles já conhecem para aprender a se envolver com os aspectos não planejados e imprevisíveis da linguagem. Aprender a linguagem como um complexo sistema de comunicação pessoal pressupõe uma investigação sobre a linguagem enquanto sistema dinâmico e da maneira sobre a qual ela pode atuar para criar e transmitir significados. Isto envolve os alunos na análise e em falar analiticamente sobre a linguagem. A ênfase na investigação em curso e na análise do processo linguístico pressupõe que os alunos estejam envolvidos em uma aprendizagem que privilegie a exploração e descoberta, ao invés de serem apenas receptores passivos de conhecimento, uma vez que é transmitido a eles por outros. Assim, esses alunos necessitam de habilidades de aprendizagem que lhes possibilitem ser independentes [...]. (Muller, 2022, p. 254).

Compreender a comunicação como um processo não linear, mas dinâmico, que envolve influências culturais e extralinguísticas é apenas o primeiro passo para a abordagem do ensino e aprendizagem da língua do outro.

Muller (2022, p. 257) destaca que o estudo da nova língua e da nova cultura oferecem ao aluno a oportunidade de aprender novos conceitos e novas formas de enxergar o mundo. O autor ressalta que não haverá uma teoria que seja considerada a mais completa de todas, ou a com as melhores práticas de ensino para que se chegue a uma boa metodologia, mas que, certamente, há práticas imprescindíveis para que o professor reconheça seu papel como mediador do conhecimento da linguagem e da maneira como ela atua para criar e transmitir significados.

Essa concepção acerca do papel da língua e da cultura no contexto de ensino e aprendizagem, envolvendo a percepção da linguagem, revela como esses elementos se interrelacionam para interpretar significados. A partir da perspectiva intercultural, é possível envolver o aluno, de maneira que ele compreenda que o contexto sempre afeta o que é comunicado, e, assim, desenvolva sua capacidade de interagir, compreender e interpretar a comunicação. Isso pode ser feito através da interação com o outro, e na percepção das ideias, experiências e sentimentos compartilhados no ato de comunicação.

Nesse sentido, é oportuno trazer a visão de Muller (2022, p. 258), que afirma serem parte integrante da vida a troca interativa de significados e a reflexão sobre os sentidos trocados,

a partir dos processos de interação. Nas palavras da autora, “a aprendizagem intercultural de línguas estrangeiras é melhor entendida não como algo a ser adicionado ao ensino e à aprendizagem, mas sim algo que é essencial para as interações que já tem lugar irrefutável tanto na sala de aula quanto fora dela.”

De fato, conhecer os elementos culturais da nova língua contribuem de maneira significativa para a aquisição da língua. A linguagem só é plenamente assimilada a partir do ponto de vista de seu contexto cultural. À medida em que os sujeitos se envolvem com os aspectos da cultura do outro, seus conhecimentos e consciência sobre a língua estrangeira são ampliados, a fim de encontrar formas de agir de acordo com o novo contexto.

## ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Com a finalidade de investigar os aspectos sociolinguísticos relacionados ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa por estrangeiros, trazemos aqui uma condensada compreensão do que se entende por sociolinguística.

Discorrendo sobre a abordagem da “sociolinguística variacionista”, William Labov (*apud* Cezario; Votre, 2020, p. 141) ensina que “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” Nessa perspectiva, entende-se a língua como uma instituição social, e por isso, necessariamente, deve ser estudada abrangendo o contexto situacional dos envolvidos na comunicação, além de considerar a cultura e a história inerentes aos falantes daquela língua.

Entendemos que sempre ocorrerão mudanças e variações com a língua, e os motivos que levam a essas variações são o objeto de estudo da sociolinguística, bem como identificar os contextos que favorecem a variação. Nesse sentido, é importante destacar que o desenvolvimento da linguagem de uma sociedade está intrinsecamente ligado à história da cultura e da sociedade daquela comunidade, isso porque, a história da linguagem dos indivíduos sempre será afetada pelas mudanças ocorridas na estrutura social daquele local.

Desse modo, é necessário conhecer alguns conceitos básicos da sociolinguística variacionista, a fim de compreender as sistematicidades presentes na comunicação. São eles: a comunidade de fala, as variantes e as variáveis.

Dentre os pressupostos teóricos que compõem a sociolinguística variacionista, Cezario e Votre (2020, p. 147) conceituam comunidade de fala como os indivíduos que se relacionam através de diferentes redes de comunicação. Nesse sentido, uma mesma comunidade de fala

possui diferentes modos de falar, porém compartilham de um mesmo conjunto de regras, ou uma mesma norma linguística.

A “variante” conceitua-se, de acordo com Cezario e Votre (2020, p. 142), como uma forma utilizada paralelamente a outra na língua sem que se altere o significado. Por exemplo, o uso de “nós falamos” e “a gente fala” são variantes do presente do indicativo. A “variável linguística”, por sua vez, é o conjunto de variantes. Desse modo, podemos ver que existem diferentes variantes para a variável presente do indicativo aplicada ao verbo falar. Um outro exemplo é a variável vibrante “r” no final das palavras, a qual possui diferentes variantes fonéticas em todo o Brasil.

As variáveis também podem ser extralinguísticas, ou seja, compreenderem grupos de fatores extralinguísticos como o grau de escolaridade, o grau de formalidade, a idade, a localização geográfica, entre outros.

Com base nos conceitos sociolinguísticos, ao estudarmos a língua de determinada comunidade, veremos que elas variam por diversos fatores e em diferentes aspectos (como lexical, sintático, fonético, fonológico). Como vimos, essas diferenças podem ocorrer tanto por fatores externos quanto por fatores inerentes ao sistema linguístico. Dessa forma, podemos dizer que, a depender do contexto, usa-se um conjunto de elementos da língua que difere de outro conjunto para dar o mesmo significado. A essa variação damos o nome de variação linguística.

### *VARIAÇÃO LINGUÍSTICA*

Entende-se por variação linguística as variações ocorridas em uma mesma língua por diferentes fatores, ou como visto acima, por diferentes variantes. As variações linguísticas costumam ser divididas como regionais, sociais ou de registro, conforme a sistematização verificada na área da linguagem.

Beline (2020, p. 125) ressalta que fatores linguísticos e extralinguísticos, dentro da ciência chamada sociolinguística, relacionam-se com o uso das variantes nos diferentes níveis da gramática: a fonética, a morfologia, a sintaxe, além do léxico da língua. Dessa forma, a perspectiva variacionista da sociolinguística ocupa-se em estudar a forma como a aparente bagunça da heterogeneidade da língua – ou seja, a variação – se organiza.

De acordo como Cezario e Votre (2020, p. 144-145), essas divisões podem ser consideradas como:

- a) *variação regional*: associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; a variável geográfica permite opor, por exemplo, Brasil e Portugal;
- b) *variação social*: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis já citadas, como faixa etária, grau de escolaridade, procedência, etc.;
- c) *variação de registro*: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc.

As formas como a língua pode variar no seu léxico, ou seja, quando duas palavras são usadas para fazer referência ao mesmo significado, são classificadas ainda por Beline (2020, p. 122) como “variação diatópica” ou “variação diafásica”. Segundo ele, “um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica –, seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica.”

Nesse sentido, é inegável que houve no Brasil, ao longo das gerações, uma expansão do uso de “você” e “a gente”, e uma forte diminuição dos pronomes “tu” e “vós”. Porém sabemos que, a depender da região do país, ainda é comum o uso do pronome pessoal “tu”, com a conjugação padrão, e em alguns casos com a conjugação na 3ª pessoa: *tu fala*.

Essa variação regional culmina em uma consequente ambiguidade para o uso do pronome “seu” (e derivados). Isto porque, ao se usar o termo “você”, o pronome possessivo que a ele fará referência será o “seu”, mesmo pronome utilizado para a terceira pessoa. Alguns autores indicam o uso do pronome possessivo “seu” apenas para a segunda pessoa, e o uso da forma “dele” (e derivados) para a terceira pessoa, a fim de evitar a referida ambiguidade.

## **ABORDAGEM DOS PRONOMES NAS GRAMÁTICAS NORMATIVA E DESCRITIVA**

Entende-se por gramática normativa, também chamada de gramática tradicional, aquela utilizada como modelo teórico para o ensino da língua conforme a norma padrão. Segundo Martelotta (2020, p. 45), inicialmente, estudou-se a gramática por haver, a partir da filosofia aristotélica, uma forte relação entre a linguagem e a lógica. Segundo essa visão, a linguagem seria “um reflexo da organização interna do pensamento humano.”

Nesse sentido, buscou-se normatizar, padronizar, a forma ideal de uso da língua. Esse caráter normativo da gramática é frequentemente criticado pela linguística moderna, por apresentar, de acordo com Martelotta (2020, p. 44), uma visão preconceituosa do uso da língua,

de maneira que não fornece ao estudioso da linguagem uma teoria adequada para descrever o funcionamento gramatical das línguas.

A gramática descritiva, por sua vez, revela a forma falada da língua, a que, em geral, se dá a designação de Português Brasileiro. De acordo com Perini (2017, p. 33), para muitas pessoas, o estudo da gramática justifica-se por ser um meio determinante para o seu desempenho na fala e na escrita da língua padrão. Porém, o autor considera que, apesar de ser imprescindível o domínio da norma padrão, o desenvolvimento dessas habilidades não é adquirido a partir do estudo exaustivo da gramática normativa em sala de aula.

Para os defensores da gramática descritiva, há uma necessidade de descrever a língua falada. Nessa visão, o uso da gramática normativa não seria um bom caminho para a aquisição da língua, já que ela difere, em muitos aspectos, do português falado. Portanto, sua função deveria se limitar a um meio de consulta, em situações de dúvidas a respeito da norma culta.

Dessa forma, a gramática descritiva intenta descrever como é o Português Brasileiro, ou seja, as formas da língua no contexto falado, reconhecendo, ainda, que não se pode falar em uma gramática que abrange a inteira descrição da língua, tanto por ser a sua estrutura mais complexa do que imaginamos, quanto por haver, com o passar dos anos, constantes mudanças na forma de falar.

Sobre o tema, destacamos a importância de se estudar os pronomes assim como usados no Português Brasileiro. Nesse sentido, constatamos que o uso do “você” e “a gente”, está presente em quase totalidade da fala cotidiana dos brasileiros. O não reconhecimento dessas formas na gramática acaba levando a outras questões. A existência inegável da forma “você”, em substituição ao pronome pessoal “tu”, acarreta o uso do pronome possessivo “seu” para referir-se à segunda pessoa, o que acaba criando uma ambiguidade com uso do mesmo pronome possessivo para a terceira pessoa. Alguns autores defendem que essa ambiguidade deflagraria a necessidade da utilização da forma dele(a) para a terceira pessoa, em contrapartida aos pronomes seu/sua, para referir-se à segunda pessoa.

Analisaremos, a seguir, as normas e conceitos contemplados nas gramáticas normativa e descritiva, no que diz respeito ao uso desses pronomes. Tratamos adiante, especificamente, das variantes: “tu” e “você”; “nós” e “a gente”; “seu(s)” ou “sua(s)” e “dele(s)” ou “dela(s)”, a fim de identificarmos como as gramáticas mais estudadas na atualidade abordam o assunto.

## A GRAMÁTICA NORMATIVA

Fazemos aqui uma análise objetiva da forma como são abordados os pronomes acima mencionados nas seguintes gramáticas normativas: “*Gramática Normativa da Língua*

*Portuguesa*”, de Rocha Lima (2011) e “*Nova Gramática do Português Contemporâneo*”, de Cunha e Cintra (2016).

Iniciamos a consulta na “Gramática Normativa da Língua Portuguesa”, de Rocha Lima, a qual não menciona a variante “a gente” ao abordar o conteúdo dos pronomes pessoais. Conforme descrito na gramática em análise:

Pronomes pessoais são palavras que representam as três pessoas do discurso, indicando-as simplesmente, sem nomeá-las. A primeira pessoa, aquela que fala, chama-se *eu*, com plural *nós*; a segunda, *tu*, que é a com que se fala, com o plural *vós*; a terceira, que é a pessoa ou coisa de que se fala, é *ele* ou *ela*, com os plurais respectivamente *eles* ou *elas*. (Lima, 2011, p. 156).

O autor segue explicando a respeito das conjugações verbais, e como elas se comportam em relação a cada uma das pessoas e número. Adiante, faz uma menção a respeito do uso dos termos “você” e “vocês” como pronome de “tratamento familiar”, explicando que esses pronomes, apesar de serem de segunda pessoa, requerem o uso do verbo com terminações da terceira pessoa.

Com relação aos pronomes possessivos, o autor faz uma breve explicação sobre o conceito, o qual faz referência à pessoa como possuidora da coisa, e os expõe da seguinte forma:

1ª pessoa do singular – eu: *meu, minha, meus, minhas*  
1ª pessoa do plural – nós: *nosso, nossa, nossos, nossas*  
2ª pessoa do singular – tu: *teu, tua, teus, tuas*  
2ª pessoa do plural – vós: *vosso, vossa, vossos, vossas*  
3ª pessoa do singular e do plural: *seu, sua, seus, suas*.  
(Lima, 2011, p. 156).

O autor segue para os próximos tópicos sem fazer explicações mais profundas sobre o uso do pronome “seu”, deixando entender que somente será usado para se referir à terceira pessoa.

Seguindo com a análise dos termos em questão, na “*Nova Gramática do Português Contemporâneo*”, de Cunha e Cintra, no que diz respeito aos pronomes pessoais retos, o autor os expõe da seguinte forma:

- a) quem fala = 1ª pessoa: eu (singular), nós (plural);
  - b) com quem se fala = 2ª pessoa: tu (singular), vós (plural);
  - c) de quem se fala = 3ª pessoa: ele, ela (singular); eles, elas (plural);
- (Cunha; Cintra, 2016, p. 291).

Mais adiante, o autor faz a observação de que a pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados pronomes de tratamento, os quais devem constar com o verbo na terceira pessoa. Com relação ao uso do pronome de tratamento, explica:

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. (Cunha; Cintra, 2016, p. 306).

Embora reconheça o uso de “você” em substituição à forma “tu”, o autor não aborda a questão ao tratar dos pronomes possessivos, ficando destinada à segunda pessoa a forma *teu*, e à terceira pessoa, a forma “seu”, conforme Figura 1 abaixo:

Figura 1 – Pronomes possessivos no livro “Nova Gramática do Português Contemporâneo”

		UM POSSUIDOR		VÁRIOS POSSUIDORES	
		UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS	UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS
1. <sup>a</sup> pessoa	masc.	meu	meus	nosso	nosso
	fem.	minha	minhas	nostra	nossas
2. <sup>a</sup> pessoa	masc.	teu	teus	vosso	vosso
	fem.	tua	tuas	vostra	vostras
3. <sup>a</sup> pessoa	masc.	seu	seus	seu	seus
	fem.	sua	suas	sua	suas

Fonte: Cunha; Cintra (2016, p. 333).

Em seguida, a gramática sugere o uso da forma “dele” em substituição a “seu” (e seus derivados) como forma de evitar ambiguidade em casos de masculino e feminino.

Como vemos, as gramáticas normativas aqui analisadas fazem menção (como forma de observação, e não como regra) ao uso do pronome de tratamento “você” em substituição ao pronome pessoal “tu”. Entretanto, em nenhuma delas foi constatado o uso da forma *seu*, para se referir à segunda pessoa.

## A GRAMÁTICA DESCRITIVA

Para a análise dos pronomes, conforme abordados na gramática descritiva, optamos por analisar o livro “*Gramática Descritiva do Português Brasileiro*”, de Perini (2017). A respeito

dos pronomes pessoais, o autor coloca o pronome “tu” entre parênteses, sugerindo o seu uso excepcional em detrimento da forma usual “você”:

Figura 2 – Pronomes pessoais no livro “Gramática Descritiva do Português Brasileiro”

<u>Forma reta</u>	<u>Forma oblíqua</u>
<i>eu</i>	<i>me, mim, -migo</i>
<i>você, (tu)</i>	<i>te, (-tigo), (ti), (lhe)</i>
<i>ele, ela</i>	---
<i>nós</i>	<i>nos, -nosco</i>
<i>vocês</i>	---
<i>eles, elas</i>	---
[ <b>reflexivo</b> ]	<i>se</i>

Fonte: Perini (2017, p. 223).

Observa-se, na imagem, que o autor considera como pronome pessoal reto (e não de tratamento) a forma “você”, ao lado dos demais pronomes pessoais, e, não inclui o pronome pessoal da segunda pessoa do plural, “vós”.

Perini (2017, p. 222) menciona ainda a forma “a gente”, afirmando que seria um “pronome pessoal” no sentido de se referir ao interlocutor, mas ressalta que gramaticalmente, a forma não difere dos outros sintagmas nominais, ou seja, funciona como sujeito da oração.

Com relação aos pronomes possessivos, o autor destaca a correspondência que fazem com os pronomes pessoais, da seguinte forma:

Figura 3 – Pronomes possessivos no livro “Gramática Descritiva do Português Brasileiro”

<b>Pronome pessoal</b>	<b>possessivo</b>
<i>eu</i>	<i>meu</i> (sintético)
<i>você</i>	<i>seu</i> (sintético)
<i>ele</i>	<i>dele</i> (analítico)
<i>nós</i>	<i>nosso</i> (sintético)
<i>vocês</i>	<i>de vocês</i> (analítico)
<i>eles</i>	<i>deles</i> (analítico)

Fonte: Perini (2017, p. 653).

Constatamos que a gramática descritiva em análise, diferentemente da gramática normativa, considera as formas “dele”, “deles”, “de vocês” como pronomes possessivos analíticos, por serem preposicionados, ou seja, por comportarem a preposição “de”.

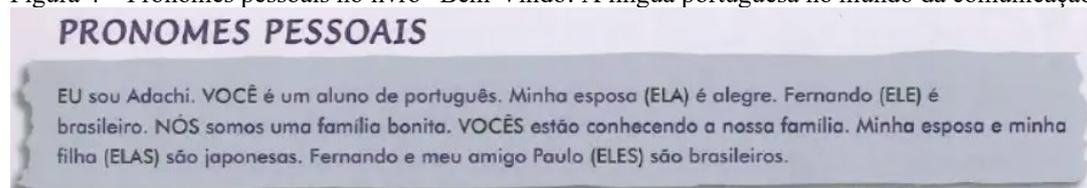
Verificarmos que a gramática descritiva compõe uma abordagem muito mais compatível com a realidade do Português Brasileiro. Talvez por essa razão, e para se evitar a ambiguidade do pronome “seu”, não se observou na gramática de Perini o uso do pronome “seu” para fazer referência a terceira pessoa.

## ABORDAGEM DOS PRONOMES NOS LIVROS DIDÁTICOS PARA ESTRANGEIROS

Passamos a analisar como os livros didáticos para estrangeiros tratam o tema dos pronomes pessoais e possessivos aqui discutidos. Para isso, escolhemos os seguintes livros: “*Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*”, de Burim, Florissi e Ponce (2013); “*Fala Brasil: Português para estrangeiros*”, de Coudry e Fontão do Patrocínio (1998); e “*Tirando de letra: Português brasileiro para estrangeiros*”, de Silva, Tomaiolo, Rocha, Matos e Ferreira.

Inicialmente, no livro “*Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*”, de Burim, Florissi e Ponce (2013), são destacados como pronomes pessoais os termos: *eu, você, ela/ele, nós, vocês, elas/eles*:

Figura 4 – Pronomes pessoais no livro “*Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*”



Fonte: Burim; Florissi; Ponce (2013, p. 10).

As formas de uso dos pronomes são exploradas ao longo das atividades. Mais adiante, segue um quadro incluindo os pronomes possessivos e fazendo referência às conjugações verbais referentes a cada pronome estudado. Com relação aos pronomes “tu” e “vós”, os autores observam que “tu” se usa em algumas regiões do Brasil, e que “vós” aparece apenas em textos mais antigos:

Figura 5 – Pronomes pessoais no livro “Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação”

TRABALHAR		ESCREVER	ASSISTIR
EU	TRABALHO	ESCREVO	ASSISTO
VOCÊ	TRABALHA	ESCREVE	ASSISTE
ELE/ELA	TRABALHA	ESCREVE	ASSISTE
NÓS	TRABALHAMOS	ESCREVEMOS	ASSISTIMOS
VOCÊS	TRABALHAM	ESCREVEM	ASSISTEM
ELES/ELAS	TRABALHAM	ESCREVEM	ASSISTEM

**OBSERVAÇÃO:** O pronome TU é usado em algumas regiões do Brasil;  
O pronome VÓS é usado em textos mais antigos.

TU	TRABALHAS	ESCREVES	ASSISTES
VÓS	TRABALHAIS	ESCREVEIS	ASSISTIS

Fonte: Burim; Florissi; Ponce (2013, p. 10).

Com relação ao termo “a gente”, os autores fazem uma discreta menção, apenas no final do texto utilizado na mesma unidade: “Agora nós conhecemos (= a gente conhece) melhor Adachi e seus amigos.” (Burim; Florissi; Ponce, 2013, p. 7).

Figura 6 – Pronomes pessoais no livro “Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação”

**VAMOS CONHECER A ROTINA DE ADACHI E DE SEUS AMIGOS BRASILEIROS**

**A**dachi é uma pessoa muito alegre. Ele está no Brasil a trabalho. Ele acorda muito cedo e após tomar café da manhã vai de carro para o escritório. Ele gosta muito daqui e fala português muito bem porque estuda bastante. Adachi trabalha em uma fábrica em Guarulhos e quer melhorar ainda mais seu vocabulário. Por isso, conversa com todos os colegas em português. Seu horário de trabalho é longo. Ele começa a trabalhar às 7h30 e termina às 17h30. Seu almoço é de uma hora e ele e seus amigos almoçam juntos no restaurante da empresa. A esposa de Adachi e seus filhos almoçam em casa. Enquanto Adachi estuda português, seus colegas estudam inglês e espanhol. Alguns estudam também japonês e acham esse idioma muito difícil. Os alunos de inglês, espanhol e de japonês vão à aula duas vezes por semana mas estudam muito em casa também. Para eles é muito importante aprender outro idioma, para um dia ir a outros países trabalhar para sua empresa. Quando viajam, eles vão aos Estados Unidos, à Bolívia, à Colômbia, à Venezuela e, muitas vezes, ao Japão. Nos fins de semana, eles jogam futebol, tênis e baralho. Quando estão em casa conversam com suas famílias, assistem à televisão e vão passear pela cidade. Gostam muito de ir ao cinema e, quando é feriado, de ir à praia ou às montanhas. Agora nós conhecemos (= a gente conhece) melhor Adachi e seus amigos.

Fonte: Burim; Florissi; Ponce (2013, p. 7).

No apêndice III do livro, há ainda uma inclusão dos termos “você” e “a gente” dentro do tópico dos pronomes pessoais e formas de tratamento (Figura 7), destacando que ambos não

se classificam como pronomes pessoais, mas como formas de tratamento, o que acaba causando uma confusão, já que o termo “você” foi abordado, na primeira unidade, como pronome pessoal.

Figura 7 – Pronomes pessoais e formas de tratamento no livro “Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação”

PRONOMES PESSOAIS e FORMAS DE TRATAMENTO	
Singular	Plural
eu	nós
tu/*você	vocês
ele/ela/*a gente	eles/elas

\*você e a gente não são pronomes pessoais, mas formas correntes de tratamento no Português do Brasil (PB).

Fonte: Burim; Florissi; Ponce (2013, p. 206).

No que diz respeito aos pronomes possessivos, são expostos na unidade 2, da seguinte forma:

Figura 8 – Pronomes possessivos no livro “Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação”

POSSESSIVOS			
Adjetivos/Pronomes			
Meu carro/O meu Minha filha/A minha	Tu carro/O teu Tua filha/A tua	Seu carro/O seu Sua filha/A sua	Nosso carro/O nosso Nossa filha/A nossa
	O carro dela/O dela A filha dele/A dele	O carro delas/O delas A filha deles/A deles	
<p>TEU(S) - TUA(S) → para as 2<sup>as</sup> pessoas</p> <p>SEU(S) - SUA(S) - DELE(S) - DELA(S) → para as 3<sup>as</sup> pessoas</p>			

Fonte: Burim; Florissi; Ponce (2013, p. 206).

Como vemos, os autores incluem o pronome “seu” (e seus derivados) apenas para o uso das terceiras pessoas. Ao final do livro, no apêndice III, destaca-se o uso de “seu” para as segundas pessoas também, porém não há explicações a respeito dessa ambiguidade:

Figura 9 – Pronomes pessoais e formas de tratamento no livro “Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação”

PRONOMES POSSESSIVOS e PRONOMES ADJETIVOS	
eu	meu(s), minha(s)
você	seu(s), sua(s) (= de você)
ele	seu(s), sua(s)/dele
ela	seu(s), sua(s)/dela
nós	nosso(s), nossa(s)
vocês	seu(s), sua(s) (= de vocês)
eles	seu(s), sua(s)/deles
elas	seu(s), sua(s)/delas
tu	teu(s), tua(s)
vós	vosso(s), vossa(s)

▪ Paulo e Mírcia já compraram **suas** passagens aéreas para a viagem. Ainda não comprei a **minha**. Você já comprou a **sua**?

▪ A: **Minha** irmã está sem carro.  
B: Este não é o carro **dela**?

A: Não, este é o **meu**. Roubaram o **dela** noutro dia.

▪ A: Comprei os **nostros** ingressos para o concerto de sexta à noite.  
B: Este é o **meu** ingresso ou o **dela**?

Fonte: Burim; Florissi; Ponce (2013, p. 206).

Além do pronome “seu”, os autores abordam, no quadro acima, a possibilidade do uso de “dele” (e seus derivados) para as terceiras pessoas, além de incluir a forma “de vocês” para a segunda pessoa do plural.

No livro “*Fala Brasil: Português para estrangeiros*”, de Coudry e Fontão do Patrocínio (1998), os pronomes são abordados incluindo o pronome “tu” entre parênteses, sugerindo seu uso excepcional, em detrimento de “você” como a regra para a segunda pessoa:

eu – meu(s) minha(s)  
 (tu) – teu(s) tua(s)  
 você – seu(s) suas(s)  
 ele – dele [seu(s) sua(s)]  
 ela – dela [seu(s) sua(s)]  
 nós – nosso(s) nossa(s)  
 vocês – seu(s) sua(s) de vocês  
 eles – deles [seu(s) sua(s)]  
 elas - delas [seu(s) sua(s)]  
 (Coudry; Fontão do Patrocínio, 1998, p. 10).

Como se vê, os autores empregam o pronome seu para o uso na segunda pessoa e na terceira pessoa, e, em uma nota ao final da página, há a informação de que as formas dele(s) são utilizadas na língua oral; e “seu(s)” na modalidade escrita.

Mais adiante, há uma nota informando que o uso do termo “a gente”, em português falado, equivale a “nós”, com o seguinte exemplo: “Nós adoramos ou A gente adora”. (Coudry; Fontão do Patrocínio, 1998, p. 27).

Por fim, analisamos o livro didático “*Tirando de letra: Português brasileiro para estrangeiros*”, de Silva, Tomaiolo, Rocha, Matos e Ferreira (2021).

A respeito dos pronomes possessivos, os termos “você” e “a gente” são incluídos na Figura 10 a seguir, sugerindo sua inclusão na classe dos pronomes pessoais:

Figura 10 – Pronomes no livro “Tirando de letra: Português brasileiro para estrangeiros”

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>1ª pessoa (quem fala)</i>	<b>EU</b>	<b>NÓS / A GENTE</b>
<i>2ª pessoa (com quem se fala)</i>	<b>TU / VOCÊ</b>	<b>VÓS / VOCÊS</b>
<i>3ª pessoa (de quem se fala)</i>	<b>ELE / ELA</b>	<b>ELES / ELAS</b>

Fonte: Silva; Tomaiolo; Rocha; Matos; Ferreira (2021, p. 28).

Em seguida os autores fazem a seguinte observação:

Tu” e “você” se referem à mesma pessoa do discurso, entretanto, o pronome “tu” é utilizado apenas em algumas regiões do Brasil (como Rio Grande do Sul), enquanto o pronome “você” é o mais comum em todo o país. Portanto, ao longo deste material apresentaremos apenas a forma do pronome “você”. [...] O pronome “a gente” é utilizado na fala no lugar do pronome “nós”. É um pronome que indica plural, mas sua conjugação é feita na 3ª pessoa do singular. (Silva; Tomaiolo; Rocha; Matos; Ferreira, 2021, p. 28-29).

Com relação aos pronomes possessivos, segue a tabela dos pronomes, conforme o livro expõe:

Figura 11 – Pronomes no livro “Tirando de letra: Português brasileiro para estrangeiros”

	<b>MASCULINO</b>		<b>FEMININO</b>	
	<b>SINGULAR</b>	<b>PLURAL</b>	<b>SINGULAR</b>	<b>PLURAL</b>
<b>EU</b>	MEU	MEUS	MINHA	MINHAS
<b>TU</b>	TEU	TEUS	TUA	TUAS
<b>VOCÊ</b>	SEU	SEUS	SUA	SUAS
<b>ELE</b>	DELE	-	-	-
<b>ELA</b>	-	-	DELA	-
<b>NÓS</b>	NOSSO	NOSSOS	NOSSA	NOSSAS
<b>ELES</b>	-	DELES	-	-
<b>ELAS</b>	-	-	-	DELAS

Fonte: Silva; Tomaiolo; Rocha; Matos; Ferreira (2021, p. 38).

Observa-se que o pronome seu (e derivados) são incluídos apenas para referir-se a “você”. Mais adiante, os autores tratam da questão informando que “em alguns casos (principalmente na escrita), o pronome possessivo referente à terceira pessoa (ele/ela) é empregado na forma seu/seus/sua/suas.” (Silva; Tomaiolo; Rocha; Matos; Ferreira, 2021, p. 39).

É possível constatar, portanto, que não há um consenso entre os autores de livros didáticos do Português Brasileiro para estrangeiros no que diz respeito as formas dos pronomes pessoas retos e aos pronomes possessivos, o que mais uma vez confirma a realidade das variáveis linguísticas existentes no tocante ao emprego dos pronomes, principalmente, na modalidade oral. Em todos os casos, não há dúvidas quando à tentativa, dos autores de livros didáticos, de expor o tema de maneira que informe a realidade no gênero conversação, porém, é evidente que não há uma abordagem completamente satisfatória, revelando a necessidade do uso do livro didático pelo professor, como um material necessário, porém insuficiente. Daí a importância de uma preparação específica para profissionais da educação voltados ao ensino do Português Brasileiro para estrangeiros.

## CONCLUSÃO

O uso da Língua Portuguesa, na forma como é falada no Brasil, tem como característica marcante a presença das variações linguísticas em todos os seus aspectos, seja lexical, sintático, fonético ou fonológico. Considerando o contexto atual de migrações, que tem aumentado a cada década, é possível entender que haverá para o estrangeiro desafios relacionados a linguagem, durante o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Isso ocorre porque existe uma grande diferença em algumas expressões da língua, tanto na modalidade falada quanto na escrita. E, em alguns contextos, até mesmo nos ambientes mais formais, é comum verificar a presença de algumas formas aqui contempladas, como “você” ou “a gente”. Mas é fato que, no gênero conversacional, essas diferenças mostram-se ainda mais marcantes.

Takahashi (2013, p. 771-782) destaca que é muito provável que haja confusão quando um estrangeiro ouve expressões como “a gente encontrou ela”, “você trouxe o livro dele?”, “me empresta sua caneta” em oposição ao que estudamos nas gramáticas normativas: “nós a encontramos”, “você trouxe seu livro?”, “empreste-me sua caneta”. Essa diferença de ocorrências entre a norma culta e popular, entre as modalidades da língua formal e informal, no uso dos pronomes, é um fato que apenas é assimilado através de um contato mais próximo com

os falantes do Português Brasileiro. Portanto, mostra-se oportuna a verificação dessas manifestações recorrentes da fala nos materiais didáticos voltados para estrangeiros, já que são esses que propõem uma instrumentação da língua portuguesa visando a comunicação imediata.

Buscamos neste trabalho abordar as principais questões da linguística que circundam o tema do uso dos pronomes no Português Brasileiro. Dessa forma, partindo do estudo da sociolinguística, com enfoque na “sociolinguística variacionista”, pudemos observar a presença das variáveis referentes aos pronomes pessoais retos e aos pronomes possessivos que estão mais presentes na fala dos brasileiros.

Dessa forma, analisamos a presença dos pronomes: “tu” e “você”; “nós” e “a gente”; “seu(s)”/“sua(s)” e “dele(s)”/“dela(s)”, e a forma como são ensinados nas gramáticas normativas – “*Gramática Normativa da Língua Portuguesa*”, de Rocha Lima (2011) e “*Nova Gramática do Português Contemporâneo*”, de Cunha e Cintra (2016) –, gramática descritiva – “*Gramática Descritiva do Português Brasileiro*”, de Perini (2017) – e em alguns dos principais livros didáticos de Língua Portuguesa para estrangeiros – “*Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*”, de Burim, Florissi e Ponce (2013); “*Fala Brasil: Português para estrangeiros*”, de Coudry e Fontão do Patrocínio (1998); e “*Tirando de letra: Português brasileiro para estrangeiros*”, de Silva, Tomaiolo, Rocha, Matos e Ferreira (2021).

A partir da análise dos livros didáticos, constatamos que não há um consenso a respeito da melhor forma de abordar os pronomes em discussão, isso porque os autores divergem em diversos aspectos, como sobre o uso do termo “você” para a segunda pessoa, em substituição ao pronome “tu”; ainda, com relação à classificação dos termos “você” e “a gente” como pronome pessoal, de tratamento, ou sintagma nominal; ou ainda sobre a ambiguidade do pronome possessivo “seu” (e derivados).

É evidente que tais divergências causam confusão no estudo da língua por parte de estrangeiros. Além disso, os elementos culturais, que influenciam na linguagem, também devem ser observados, o que nos leva à conclusão de que quanto mais inserido nos contextos de interação social e cultural, mais amplo será para o estrangeiro o acesso a língua do outro. O contato dos estudantes, em imersão na língua, com brasileiros resulta em partilhas e trocas de palavras em um contexto dinâmico.

Constatamos, portanto que apenas o uso do livro didático, como acesso do estrangeiro ao contexto linguístico não é suficiente para a aquisição de conteúdo próprio para uma comunicação mais próximas de realidade cotidiana no Brasil, uma vez que, até mesmo os livros didáticos voltados para estrangeiros, em regra, apoiam-se em estruturas gramaticais próprias da norma culta.

O uso do livro didático pelo profissional da educação, no contexto do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa para estrangeiros, também não se mostrou suficiente, deflagrando a necessidade de uma preparação própria para esses professores, que deverão, evidentemente, fazer uso dos livros didáticos, de forma subsidiária. É possível identificar uma escassez em contraponto à grande demanda de cursos didáticos a fim de preparar profissionais para se capacitarem no ensino mais adequado ao estrangeiro em contexto de mudança.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *O português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz, 2009.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. (org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- BURIM, Silvia Andrade; FLORISSI, Susanna; PONCE, Maria Harumi Otuki de. *Bem-vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação*. 8. ed. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.
- CALINDRO, Ana Regina Vaz. Os desafios para o ensino de português como segunda língua em contexto de mudança – o caso dos pronomes possessivos de terceira pessoa. *Revista Letras*, Rio de Janeiro, v. 99, n. 1, p. 127-153, 2019.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 141-155.
- COUDRY, Pierry; FONTÃO DO PATROCÍNIO, Elisabeth. *Fala Brasil: português para estrangeiros*. 11. ed. Campinas: Pontes, 1998.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. O português para falantes de outras línguas: redefinindo tipos e conceitos. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de; CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti (org.). *Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas*. Campinas: Pontes; Brasília: EdUnB, 2007. p. 13-31.
- FONSECA, Herly Dutra Cabral da. *Aquisição do português brasileiro por falantes estrangeiros em situação de imersão*. Feira de Santana, BA: UEFS, 2011.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. São Paulo: José Olympio Editora, 2011.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MULLER, Fernanda Suely. *Cultura dos povos da língua inglesa*. [apostila]. Fortaleza: UFC, 2022. p. 165-162

PERINI: Mário A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Gabriel Alexandre Nascimento; TOMAIOLO, Luis Gustavo; ROCHA, Nildicéia Aparecida; MATOS, Tainara Lucia Corrêa de; FERREIRA, Thainá Cristina da Silva. *Tirando de letra: português brasileiro para estrangeiros*. Araraquara: Letraria, 2021.

SOUZA, Shelton Lima de; ANTUNES, Paula Tatiana da Silva. Ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira, segunda língua/língua adicional: diálogos com estudos de língua(gens) de caráter multi/inter/trans/disciplinar. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, v. 7, n. 2, 2019.

TAKAHASHI, Neide Tomiko. O emprego de pronomes pessoais no ensino de português do Brasil para estrangeiros. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 771-782, maio-ago. 2013.